

Caminhada à terra Pataxó (Final)**150
O último dia na Aldeia**

Dia 21 de outubro, o último dia em que a expedição levada pelo Colégio Anchieta a Barra Velha permanece na Aldeia. A volta à capital mineira está mesmo marcada para antes do meio-dia. Bem cedo, todos já preparam suas bagagens e aproveitam para fazer as últimas trocas com os índios: sabonete por colares, pasta de dente por pulseiras, colchas por cortinas, pratos por arcos e flechas e por aí fora. Alguns ainda conseguem dar mais uma esticada à praia e outros se despedem dos novos amigos na Aldeia.

Em frente ao alojamento da Funai, debaixo de um sol de 40 graus, a maioria ajuda a carregar os animais de bagagens para a volta. A caminhada, todos já sabem, vai ser longa, debaixo de sol, em meio a matos, água e lama. A areia de chão, muito branca, impede uma caminhada com os pés descalços. Alguns estão tristes, como os índios. Outros choram no momento da despedida. Muitos prometem voltar a Barra Velha, o que deixa os índios satisfeitos e até duvidosos. "Vocês gostaram daqui mesmo? Se gostaram podem voltar quando quiserem, mas tragam ajuda para nós", disse o cacique Tururim com seu sorriso de dente de ouro e olhar melancólico. Todos se despedem e iniciam a caminhada de volta, com muito aperto no coração.

COM OS PATAXÓ NA MEMÓRIA

Os índios Pataxó já não são mais índios de pena. Como primeira tribo a ter contato com a civilização, padece dos males desta proximidade, mas conservam-se como verdadeiros índios. Na Aldeia Barra Velha, Parque Nacional do Monte Pascoal, vivem 1.800 índios da Tribo Pataxó, nos 8.700 hectares de terra demarcada pela Funai, há quatro anos.

Segundo os historiadores, "o contato com os índios da Bahia, onde vivem os Pataxó, dos grupos que ainda restam, data do meado do Século XVII. É um dos contatos mais antigos e, apesar de tudo, o índio continua preservando sua identidade. Do ponto de vista antropológico é uma questão extremamente interessante estudar este fenômeno".

Na Aldeia Pataxó, onde passamos três dias e meio, constatamos que o índio daquela tribo está em via de aculturação acelerada, devido o isolamento geográfico, com uma economia de subsistência muito voltada para si mesma. O artesanato indígena Pataxó, considerado um tanto descaracterizado, é o único elo com o mercado exterior. Os trabalhos em pouco variam um do outro. Os arcos e flechas conservam um tamanho padrão e as cores são, também, pouco variadas. As penas usadas para enfeitar os trabalhos, hoje escassas, são tingidas com folhas de árvores que variam do amarelo mais forte até o vermelho. Os colares são sempre confeccionados de sementes, algumas coloridas, bambus e penas. Os cascos de tataruga recebem apenas um acabamento. As cortinas são mais trabalhadas e de uma beleza totalmente diferente dos outros artesanatos.

Na área agrícola, o que os índios Pataxó produzem não pode ser classificado com excedente, porque, dado o isolamento geográfico da Aldeia, o que se produz fica lá mesmo. Os índios têm muita dificuldade de deslocamento até Porto Seguro para venderem o que produzem. Isto tanto pode acontecer com o coco, a mandioca, o peixe, o abacaxi e cana-de-açúcar. A economia Pataxó se desenvolve em torno de grupos domésticos que constituem uma unidade de produção. Estes grupos são formados de parentes, fictícios ou verdadeiros, como compadres, agregados.

Em Barra Velha tudo se parece muito com uma zona rural de qual-

quer cidade. Não há muita diferença de vida. O deus dos Pataxó ainda é Tupã e os rituais indígenas já não existem mais. O ensinamento cristão já chegou à Aldeia e o padre vai até lá apenas uma vez ao ano — no mês de janeiro — quando realiza os casamentos e os batizados das crianças.

Com uma identidade bem própria e características de índio, os Pataxó se casam novos. As mulheres com cerca de 12 anos de idade e os homens com 14 anos. O casamento, para eles, é eterno e respeitoso. Mesmo sem proibição, nenhum índio tem mais de uma mulher na Aldeia. Os filhos nascem seguidamente e o sexo é feito diariamente, sem preconceitos ou impotência. Não existe troca de beijos e abraços e outros carinhos normalmente. "Se a gente se encosta no homem temos que fazer o sexo, porque ninguém aguenta", disse uma índia, a Maria Coruja, abertamente. O casamento torna-se obrigatório na Aldeia Pataxó, se alguém vê um índio, ao menos de mãos dadas com uma índia. Ninguém escapa. O namoro é cativado à base de pedrinhas lançadas na menina. Caso ela goste, é marcado um encontro para uma conversa onde surgem as propostas de vida. Assim que tudo fica resolvido, os dois se casam.

Segundo algumas informações extra-Aldeia, desde 1816 os Pataxó iniciaram as pazes com as comunidades vizinhas. Até aquela data eles eram bravos, aguerridos, sem maiores contatos com a comunidade local. Supõe-se que o tronco linguístico do Pataxó seria o Macro-Jê e hoje em dia eles não falam mais esta língua e sim o maxacali.

Sabe-se, também, que a dispersão geral de 1951, época do massacre, quando certamente ocorreu um consenso, uma consciência geral de que a condição de índio constituía um estigma, a perda da língua foi um mecanismo natural de auto-defesa.

Em Barra Velha é muito difícil ver um índio mais velho ensinando a língua para os meninos ou meninas. "Eles não gostam", conforme argumenta o cacique Tururim, "e ninguém obriga os Kitokos a nada". Aliás "as crianças Pataxó são bastante diferentes das que vivem em cidade. Elas são soltas, desconhecem a opressão, o medo, a repressão, o relógio, a surra e o castigo. São crianças espontâneas e amigas que o pai toma pela mão e vai lhes contando histórias do seu povo, da vida, da família, do trabalho, da mata, do rio, dos peixes, da caça, dança, do amor, de Tupã e, agora, de brancos, da civilização, da escola, do dinheiro, do médico, da roupa, da Funai e da política".

Para muitos, depois desta viagem à terra Pataxó, a raça indígena, que vem sobrevivendo a infortúnios e calamidade, é forte pelo "ser" e não pelo "ter". É forte porque resiste ao que muitas vezes sucumbe o civilizado que não aprendeu a ser sustentado pelo desprendimento, amor e simplicidade, valores maiores dos primeiros, meros desconhecidos destes últimos.

Essa raça quer falar. Tem o que contar. Essa raça pensa, deseja, precisa. Tem alegrias e tristezas. Tem necessidades e tem sua própria capacidade produtiva que em muito pode nos ser útil. Tudo isto foi visto e vivido durante os três dias e meio que passamos juntos com os 1.800 índios Pataxó, em Barra Velha. A viagem chegou ao final e com ela a certeza de uma volta. Uma volta não para passear ou para curtir aquele "paraíso" silvestre. Mas, uma volta para ajudar o índio a reconstruir sua doce vida, com a ajuda da direção do Colégio Anchieta, de Belo Horizonte, que adotou a tribo Pataxó.